

O BEBÊ QUE VOLTOU A VIVER

Os médicos não sabem explicar o que aconteceu ao recém-nascido Jamie Ogg. Os pais sabem exatamente como ele sobreviveu.

POR HELEN SIGNY

O toque de uma mãe. À esquerda, Jamie, o filho sorridente de Kate Ogg, deve a vida à mãe que se agarrou à esperança de que ele podia sobreviver como a irmã Emily.



K

Kate Ogg, 29 anos, esperava ansiosa no consultório do obstetra em Wollongong, na Austrália. Os gêmeos concebidos *in vitro* só deveriam nascer dali a 14 semanas, mas ela começava a sentir contrações dolorosas. Ela e David, o marido, tinham passado anos tentando ter filhos, e, quando o obstetra a examinou, percebeu que a situação era grave. O colo do útero estava com 2 cm de dilatação. Ela teria de ir imediatamente para o hospital.

Kate ficou uma semana internada em repouso. Mas, com 27 semanas de gestação, as contrações voltaram a se intensificar. Na manhã seguinte,

o colo apresentava dilatação de 6,5 cm e não havia como segurar mais os bebês. David estava viajando, em Brisbane, e Kate recusou a sugestão de cesariana e optou pelo parto normal. Talvez o trabalho de parto durasse até o dia seguinte, e cada dia a mais aumentava a probabilidade de sobrevivência dos gêmeos.

Quando Kate finalmente foi levada para a sala de parto, com David lhe segurando a mão, dois ressuscitadores portáteis tinham sido instalados ao lado da equipe de 14 médicos, enfermeiras, parteiras e neonatologistas. Finalmente, nasceu o primeiro bebê, um menininho. Kate avistou o recém-nascido branco e mole. Mas, por não saber como deveria ser um bebê tão prematuro, não se preocupou.

A equipe corria para inserir um tubo que o ajudaria a respirar, e lhe aplicava medicamentos para o pulmão amadurecer, enquanto Kate tinha o segundo bebê, Emily. A menina chorou assim que veio ao mundo, e, pela primeira vez, Kate percebeu que devia haver algo errado com o menino que ainda não chorara e que tinham decidido chamar de Jamie.

O futuro dele lhe fora roubado. E Kate queria muito tê-lo de volta.



Enquanto Emily recebia uma verificação de rotina, a equipe trabalhava freneticamente com Jamie. Durante 20 minutos, tentaram inserir tubos de oxigênio no seu pulmão, mas ele não inspirava. Sem movimentos, sem reação aos estímulos e sem som de respiração, finalmente um dos médicos se virou para Kate: “Jamie não conseguiu... nós o perdemos.”

O médico levou a trouxinha para o leito de Kate. A cada 30 segundos, ele abria a boca como se tentasse respirar, mas não havia outros sinais visíveis de vida.

– É apenas um reflexo do tronco cerebral – disse o médico a Kate, enquanto a equipe deixava o casal a sós com o filho.

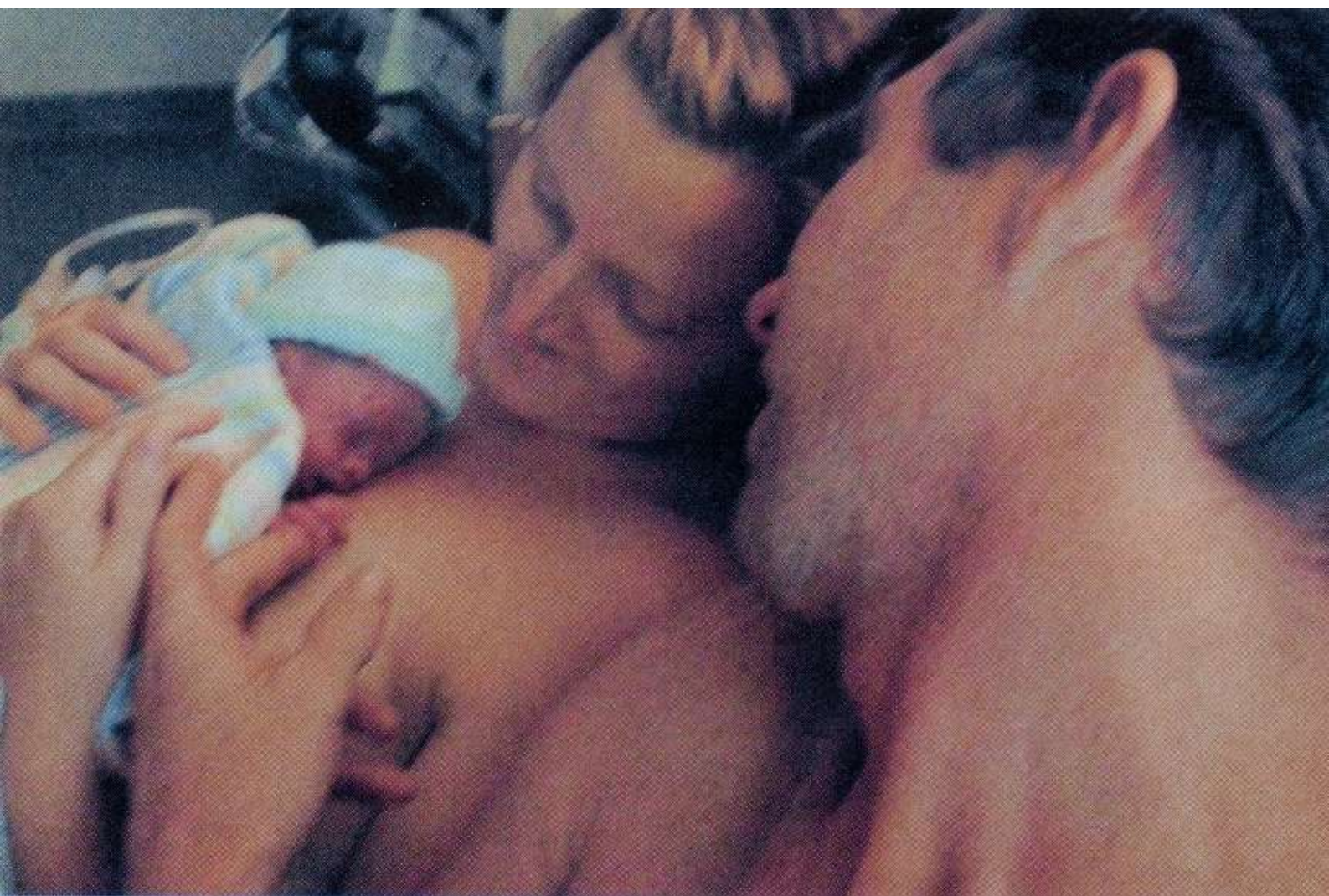
David abraçou com força a mulher e o filho, e Kate tirou suavemente o cobertor que envolvia Jamie. Não o queria

Unidos na comoção e na descrença, Kate e David Ogg abraçam o filho prematuro, acreditando que é o fim da sua curta vida.

coberto enquanto morria. Seguindo o instinto, pôs o corpo nu e frágil sobre seu peito morno. Queria senti-lo e conhecê-lo. Chorava baixinho. Pertencia a ela, mas o futuro dele lhe fora roubado. E Kate queria muito tê-lo de volta.

Enquanto os pais se esforçavam para aceitar o que acontecia, Kate ninou Jamie. Para ela, era um ato simples de criar uma ligação. E, para David, era uma indicação natural do caráter caloroso e tranquilo de Kate, uma das razões para amá-la tanto.

Anos antes, quando o casal fizera uma caminhada monumental de 800 km pela Espanha, ele se lembrava que, mesmo nas piores situações, sempre



O desespero se transforma em esperança: o contato com a pele de Kate leva o prematuro Jamie a se reanimar depois de os médicos perderem a esperança.

conseguiram reunir mais força quando se abraçavam com amor por alguns instantes. Mesmo então, quando Da-

O desespero se transforma em esperança: o contato com a pele de Kate leva o prematuro Jamie a se reanimar depois de os médicos perderem a esperança.

conseguiam reunir mais força quando se abraçavam com amor por alguns instantes. Mesmo então, quando David tinha dor de cabeça, Kate a aliviava abraçando-o e beijando suas pálpebras.

Agora, sem perceber, o contato com a pele de Kate reproduzia um ritual forte e antigo, uma prática hoje estimulada em muitas maternidades do mundo. Pôr os recém-nascidos sobre a pele da mãe, principalmente quando prematuros, é chamado de “tratamento da mãe canguru”. E a medicina já comprovou que aumenta a probabilidade de sobrevivência. Acredita-se que o peito da mãe é o ambiente que mais se parece com o interior do útero.

O entusiasmo moderno pelo contato da pele vem da década de 1970 em Bogotá, na Colômbia, onde até 70% dos bebês prematuros morriam de problemas infecciosos e respiratórios. Os médicos perceberam que o nível de sobrevivência era muito mais alto nos bebês que ficavam junto do peito da mãe durante horas a fio. Hoje, o tratamento da mãe canguru é considerado um modo de estabilizar os bebês, reduzir o estresse e ajudar os pais a criar um elo com eles.

“É comum ver uma mudança drástica. O ritmo respiratório do bebê melhora, a taxa de batimentos cardíacos reduz”, explica Abbey Eeles, terapeuta ocupacional neonatal do Real Hospital Feminino de Melbourne. “Há muitos indícios do bem que representa para os bebês e os pais.”

Aconchegando Jamie junto ao peito, Kate começou a falar com o filho, dizendo-lhe que tinha uma irmã e uma família que o amava. Então, dali a alguns minutos, ela achou ter sentido o filho se mexer. A princípio, Kate racionalizou: devia ser o momento da morte. Então, entre soluços, percebeu que o peito dele se movia com ritmo.

– E se ele realmente conseguir? E se sobreviver? – perguntou Kate a David, que chamou o médico.

As enfermeiras explicaram que provavelmente eram reflexos e deixaram novamente o casal chorar em paz. Aos poucos, Kate e David se resignaram com a ideia de que o filho devia estar morrendo, e continuaram falando com ele, acariciando-o e, acima de tudo,

NOSSO CORPO É PROGRAMADO PARA RESPONDER AO TOQUE

- O toque reduz os sintomas de estresse: o excesso de cortisol, adrenalina e adrenocorticotrófico (ACTH), os hormônios do estresse, é reduzido, a taxa de batimentos cardíacos diminui, a pressão arterial cai e, finalmente, o sistema cardiovascular se beneficia.
- O nível de oxitocina, peptídeo natural que promove a criação de laços, aumenta.
- O córtex frontal orbital do cérebro é ativado; essa área reconhece o prazer quando somos expostos a cheiros agradáveis, como perfume ou uma guloseima predileta.
- Entendemos melhor os outros quando os tocamos: estudos recentes mostraram que a comunicação pelo toque é tão complexa, tão cheia de nuances, quanto a comunicação pela fala e pelas expressões do rosto.
- Nas mães que amamentam, pegar o bebê no colo promove a produção de leite.

aconchegando-o ao coração. Os três estavam tão próximos quanto se pode esperar de uma família.

Nem Kate nem David conseguiram acreditar no que aconteceu em seguida. O recém-nascido abriu os olhos. Então, pareceu erguer a cabeça e tentou segurar o dedo do pai. Mais uma vez, David saiu correndo atrás da equipe, para que examinassem Jamie.

E se ele realmente conseguir? E se sobreviver?

Quando voltou ao quarto com a enfermeira, o médico puxou duas cadeiras e começou a explicar ao casal que não estavam vendo o que achavam ver.

– Olhe bem! – exclamou Kate, que umedecera o dedo com o colostro do seio. – Ele está lambendo o meu dedo.

Quando o médico tirou Jamie do peito de Kate, o recém-nascido se espantou e tentou chorar. O médico o deitou na cama, auscultou-lhe o peito e, descrente, pediu à enfermeira que auscultasse também. Nesse momento, seus pulmões estavam inflados, ele respirava sem ajuda e recuperara a cor.

Com todos incrédulos, Jamie foi levado do quarto para ficar junto da irmã na unidade de tratamento intensivo.

“O nosso corpo anseia pelo toque”, diz Matt Hertenstein, professor-assistente de psicologia da Universidade DePauw, nos Estados Unidos, e especialista mundial no poder do toque. “Já foi comprovado que tem impacto positivo sobre a nossa fisiologia, sobre o sistema imunológico, sobre os sintomas de estresse e até sobre o cérebro.”

O toque humano é ainda mais importante para os recém-nascidos. Estudos mostram que os bebês sofrem sintomas de estresse – por exemplo, a taxa de batimentos cardíacos aumenta com a dor de uma picada no calcanhar. Assim, quando ficam em tratamento intensivo, submetidos a vários procedimentos dolorosos e invasivos, o toque é uma ferramenta eficaz e cientificamente comprovada para ajudá-los a aguentar.

Isso acontece porque, fisicamente, o bebê está em sintonia com a mãe. Quando ela o aconchega ao colo, os seios mudam de temperatura para aquecer ou resfriar o bebê de acordo com a necessidade. Em geral, a criança adormece e, assim, conserva energia para crescer e engordar. O desenvolvimento vital do cérebro também melhora com o contato da pele.

Estudos mostram que os bebês que ficam mais tempo junto da pele da mãe têm menor probabilidade de morrer, sentem menos dor, mamam mais e se desenvolvem bem em casa.

O tratamento da mãe canguru se mostrou tão benéfico para bebês prematuros que alguns especialistas sugerem que seja usado com mais regularidade, principalmente nas unidades de tratamento intensivo neonatal com mais tecnologia.

Um estudo do ano passado, feito pela Universidade de Uppsala, na Suécia, recomendou a mudança do tratamento pós-natal para permitir que mães e bebês fiquem juntos. Os cientistas concluíram que as crianças prematuras e com baixo peso ao nas-



cer deveriam ser consideradas fetos fora do útero, que precisam de contato com a pele da mãe para amadurecer.

Durante a estada de Emily e Jamie na unidade de tratamento intensivo, os Oggs pegaram os filhos no colo o máximo que puderam. Kate ninou Emily pela primeira vez quando a menina tinha 6 dias: depois de passar dias na incubadora com flutuação de temperatura e do ritmo respiratório, tudo se estabilizou quando Kate a pegou no colo. “Sempre que os pegávamos, os gêmeos paravam de franzir o rosto.”

Depois do dramático nascimento, os irmãos se recuperaram e cresceram depressa, e em 11 semanas foram para casa. A audição e a visão são perfei-

Com Emily, à esquerda, e Jamie saudáveis e crescendo, este ano os Oggs receberam um presente milagroso: o pequeno Charlie, concebido naturalmente.

tas e agora, com 1 ano e meio, eles se desenvolvem normalmente.

– Jamie faz tudo o que Emily faz – diz Kate.

Numa vida de milagres, meses após o nascimento dos gêmeos, os Oggs descobriram que esperavam mais um bebê. Após muitos anos sem conceber naturalmente, Kate deu à luz o terceiro filho, Charlie, um menino saudável.

Mal podem esperar para niná-lo. ■